

O DESENHO COMO INSTRUMENTO DE EMERSÃO DO INCONSCIENTE NA PSICOPEDAGOGIA

Ingrid Evans Mendes¹

Tâmara Sales²

RESUMO

A presente pesquisa científica aborda o desenho-história como instrumento de emersão do inconsciente para investigação e interpretação na avaliação psicopedagógica. O desenho é cheio de simbolismos e significados o que propicia uma vasta inferência sobre o mundo interno do autor e seu desenvolvimento. Assim é realizada uma pesquisa bibliográfica de cunho exploratório que se inicia com o conceito e um breve histórico de desenho. Em seguida, são apresentadas as etapas do desenvolvimento do grafismo correlacionando-as aos períodos do desenvolvimento cognitivo. Apresenta-se uma explanação acerca do auxílio das técnicas projetivas, entre outros testes durante a análise diagnóstica. É compartilhado também um estudo de caso para mostrar, na prática, o suporte dado pelas técnicas projetivas às análises, fazendo por fim, uma retrospectiva de tudo o que foi discutido ao longo do trabalho e uma reflexão sobre as possibilidades deste recurso orientar o psicopedagogo em suas formulações de hipóteses diagnósticas promovendo uma melhor definição das ferramentas a serem utilizadas no processo diagnóstico.

¹ Trabalho de Conclusão de Curso como requisito para a obtenção do título de Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional; e-mail: ingridesm@hotmail.com.

² Doutora em Educação (UNIT), com ênfase nos transtornos de aprendizagem. E-mail: tamara.sales89@hotmail.com.

PALAVRAS CHAVE

Desenho; Inconsciente; Dificuldade de aprendizagem; Psicopedagogia.

ABSTRACT

The present scientific research approaches the drawing-history as an instrument of emersion of the unconscious to investigate and interpret in the psychopedagogy appraisal. The drawing is full of symbolisms and meaning that allow a great interference on the internal world of the author and its development. Therefore is performed a bibliographical research on the exploratory character that initiates with the concept and a brief drawing history. Then the stages of the development of graphics are presented, correlating them to the periods of cognitive development. An explanation about the aid of the projective techniques among other tests during the diagnostic analysis is presented. A case study is also shared to show in practice the support given by the projective techniques to the analyzes, making a retrospective of everything that was discussed throughout the work and a reflection on the possibilities of this resource orient the psychopedagogue in its formulations of diagnostic hypotheses promoting a better definition of the tools to be used in the diagnostic process.

Keywords

Drawing; Unconscious; Learning disability; Psychopedagogy.

1 INTRODUÇÃO

A psicopedagogia é um ramo da ciência que estuda todo o universo relacionado a aprendizagem. Utiliza-se diversos instrumentos durante o processo de avaliação diagnóstica e um deles, que é abordado neste artigo, é o desenho-história como meio de emersão do inconsciente do indivíduo na psicopedagogia.

O desenho não é somente um manuseio de lápis sobre o papel. Ele é uma fonte riquíssima de significados e simbolismos, é uma forma de comunicação, expressão e conhecimento. Entender como analisar e interpretar o desenho propicia verificar tanto o seu desenvolvimento psicomotor, emocional e cognitivo quanto às fases do grafismo percebendo seu nível de desenvolvimento.

Toda imagem é uma representação mental, assim sendo, é definida como subjetiva. Segundo esse viés:

Os objetos figurativos do desenho da criança não são considerados 'códigos' em si mesmos. Para serem 'decifrados', há a necessidade do diálogo entre a criança/autora e o adulto/interprete, como condição fundamental, visto o que os significados e sentidos das figuras são explicitados pelas palavras (FERREIRA, 1998, p.16).

A presente pesquisa objetiva disseminar a importância e as descobertas das interpretações do inconsciente, direcionando assim o olhar psicopedagógico em relação ao indivíduo que necessita desenvolver a percepção de si mesmo, promovendo quebras de paradigmas. Além de fomentar cada vez mais a produção de diferentes olhares, diversos ecos e pensamentos que, certamente, contribuirão bastante na construção desse conhecimento.

O procedimento adotado para tal fim é o levantamento bibliográfico, onde são abordadas opiniões de vários teóricos como: Visca (2008), Derdyck (2003), Ferreira (1998), Abram (2000), Fonseca (2008), Jung (2008), Piaget (1999), entre outros. Também é apresentado um estudo de caso de uma criança de 8 anos que teve o prazer de atender durante o meu estágio em Psicopedagogia Clínica, no Centro de Saúde e Educação Ninota Garcia em Aracaju/SE, o qual foi observado alguns problemas de aprendizagem devido ao meio familiar, que necessita de uma reestruturação e maior atenção com o aspecto orgânico do mesmo para formulação de possíveis hipóteses diagnósticas.

Para identificar os problemas de aprendizagem, é imprescindível observar os aspectos orgânicos, afetivo-sociais, cognitivos e pedagógicos com intuito de construir hipóteses diagnósticas que fornecerão ferramentas para

a compreensão e definição do tratamento das disfunções do indivíduo.

Este trabalho está dividido em três tópicos, o primeiro, trata sobre o conceito de desenho e breve histórico. O segundo, trata do desenho-história como um instrumento da psicoterapia na investigação e interpretação do inconsciente e as fases do grafismo, fazendo um paralelo com as fases do desenvolvimento cognitivo, tão minuciosamente, desenvolvida por Piaget (1999). O terceiro, trata sobre a utilização das técnicas projetivas e outros testes explicando de que forma poderão auxiliar na análise diagnóstica.

2 CONCEITO E BREVE HISTÓRICO DE DESENHO

Etimologicamente a palavra 'desenho' advém do latim *Designare*, marcar, apontar, traçar, formado por *De* – 'fora', mais *signare* – 'marcar, apontar', de *signum* – 'sinal, marca'. Derdyk (2003, p. 32) citando Artigas (1975) afirma que:

Em nossa língua, a palavra aparece no final do século XVI. D. João III, em carta régia dirigida aos patriotas brasileiros que lutavam contra a invasão holandesa no Recife, assim se exprime, segundo Varnhagen:

'Para que haja forças bastantes no mar com o que impedir os desenhos do inimigo, tenho resolução, etc.'

Portanto, desenho-desígnio: 'intenção, planos do inimigo'.

Um século mais tarde, o Padre Bluteau registra no seu vocabulário português e latino: 'Desenhar: desenhar no pensamento, formar huma ideia, idear'. '*Formam in animo designare*'. 'Quais as igrejas que desenhava no pensamento'. (Vida de São Xavier Lucena)

Registra também o significado técnico. 'Desenhar no papel'. '*Formam in animo designatam lineis describere-delineare...*' 'Que desenhasse a fortificação'.

O desenho existe desde o período Pré-Histórico, essa é a informação que se tem com as pesquisas científicas, tais como, Pré-história ilustra-

da: Pinturas e gravuras revelam a diversidade de formas e estilos da arte rupestre nacional (PIVETTA, 2004), publicada na Revista Pesquisa FAPESP. Sendo assim, os homens pré-históricos representavam nas paredes das cavernas, nas pedras celtas do seu cotidiano: animais, caça, rituais, lutas, afetividade e sexo.

Utilizavam-no como forma de comunicação dando-lhes a oportunidade de se expressarem, se entenderem, se relacionarem, desenvolvendo-se mutuamente a partir dessas interações e integrações sociais. Tal qual afirma Ferreira (1998, p.46): 'O desenho, como signo, é considerado na teoria histórico-cultural, não como simples derivado da memória, mas como algo constituído pelas interações sociais, que podem modificar a estrutura das funções psicológicas.'

Dessa forma, foi constituída e conservada instintivamente, mediante o grafismo, toda a transformação da primeira parte da história da Humanidade. O desenho conta a saga de um período evidenciando a transitoriedade, efemeridade de um povo emoldurando suas necessidades existenciais, estéticas e poéticas.

Ele subverte sua autonomia e abrangência através da simbologia de expressão, conhecimento e comunicação, ou seja, as ideias a respeito do desenho possuem uma capacidade de expansão ilimitada, inovadora e renovadora simplesmente por suas possibilidades de materialização. E Derdyk (2003, p. 20) afirma que 'existem desenhos criados e projetados pelo homem, existem os sinais evidenciando a passagem do homem, mas também existem as inscrições, desenhos vivos da natureza: a nervura das plantas, as rugas do rosto, as configurações das galáxias, a disposição das conchas na praia'.

Durante a Idade-Média (séculos V ao XV) o desenho adquire conotação de Arte e valorização, mas é só no Renascimento (séculos XV ao XVI) que ganha cidadania invadindo e encantando as instituições educacionais da época. Alimentadas por uma pequena burguesia politizada, as manifestações neoclassicistas (séculos XVIII ao XIX), viam na arte a oportunidade de exteriorizar seus anelos, insatisfações, revoltas, ideais e uma forma de ascensão e classificação social.

Desse momento em diante a arte se desenvolve progressivamente reinventando e inovando

o conhecimento já delineado pelo homem buscando através do desenho um cenário de produção e consumismo, determinado a arquitetar a sociedade visando uma organização urbana.

3 “DESENHO-HISTÓRIA”: INSTRUMENTO DA PSICOTERAPIA NA INVESTIGAÇÃO E INTERPRETAÇÃO DO INCONSCIENTE

Em 1894 o termo Projeção é utilizado pela primeira vez em psicologia pelo psiquiatra e pesquisador Sigmund Freud. Segundo Visca (2008, p. 19):

[...], em vocabulário da psicanálise, projeção é um termo utilizado tanto em neuropsicologia quanto em psicologia ‘para designar a operação pela qual um fato neurológico ou psicológico é deslocado e localizado no exterior, seja passando do centro para a periferia ou do sujeito ao objeto’ e em seguida – esses autores – acrescentam:” no sentido propriamente psicanalítico, [consiste na] a operação pela qual o sujeito tira de si e coloca no outro, pessoa ou coisa, qualidades, sentimentos, desejos [...].

Assim, utilizando o desenho-história como instrumento psicoterapêutico o psicopedagogo tem a oportunidade de interpretar qualidades, sentimentos, desejos, projetados no outro, pessoa ou coisa, percebendo o indivíduo numa ótica mais profunda, o que possibilita a compreensão de seu comportamento. A percepção de mundo, no indivíduo, se dá através dos sentidos, sendo a fala verbal ou gestual e a interação com o meio os pilares para elaboração de formas cognitivas mais complexas. O que vale ressaltar é que a expressão gráfica por si só não representa uma fonte completa de significados, não é autoexplicativa, havendo também a necessidade da contextualização da percepção das imagens através da história falada fundamental para interpretação do desenho.

‘Jogo dos rabiscos’, esse foi o nome dado a técnica desenvolvida por Donald W. Winnicott,

renomado pesquisador e psiquiatra, durante sua prática com crianças na Clínica Diagnóstica de Mães e Bebês Winnicott. Conforme coloca Abram 2000 (apud Winnicott ‘Squiggle Game”, p. 301):

em um momento apropriado após a chegada do paciente, com frequência depois de solicitar aos pais que aguardem na sala-de-espera, digo à criança: ‘vamos brincar de alguma coisa. Sei de que quero brincar e vou lhe mostrar.’ Existe uma mesa entre a criança e eu onde há folhas de papel e dois lápis. Apanho primeiro algumas das folhas dividindo-as ao meio, dando a impressão de que aquilo que estamos fazendo não possui qualquer importância, e logo digo: ‘Este jogo de que eu gosto tanto não possui regras. É só pegar o lápis e fazer assim...’. É bem provável que feche os olhos e faça um rabisco cego. Dou continuidade ao meu esclarecimento: ‘me diga se isso se parece com algo e se você pode transformar isso em alguma coisa. Depois irá fazer o mesmo comigo. Aí eu verei se posso fazer algo com o que você me mostrar’ [...].

Winnicott entendia essa técnica como um instrumento diagnóstico e terapêutico onde avaliava no decorrer de todo o jogo a forma que a criança usava a situação com a qual se deparava. Ele buscava ser o máximo flexível, deixando as crianças escolherem a atividade, mostrando-se iguais em sua condição humana onde ambas introduzissem um novo saber.

O jogo tem continuidade e ao final a junção dos desenhos ganha relevância fazendo-a sentir-se parte dessa comunicação tão importante, pois em cada rabisco existe uma interação oriunda da integração que faz parte do eu.

É uma forma natural e lúdica de se extrair do inconsciente experiências vividas e processadas pela mente, muitas vezes, de maneiras difusas constituindo comportamentos destrutivos ao próprio indivíduo.

Jung (2008, p.13) afirma que ‘O inconsciente possui, além deste, um outro aspecto, incluindo não apenas conteúdos reprimidos, mas todo o material psíquico que subjaz ao limiar da consciência’. Para que a interpretação seja possível se faz necessário que o psicopedagogo tenha um

conhecimento prévio acerca do indivíduo que está sendo acompanhado, de sua imaginação, de sua memória, percepção além de sua realidade cultural e social. Nessa análise também pode se identificar seus estágios cognitivos.

Ressalta Ferreira (1998), ao concluir que

[...] o estudo da imagem mental realizado por Piaget procura desvinculá-la de uma filiação direta com a percepção, estabelecendo no curso do desenvolvimento da criança, relações entre o simbolismo acompanhada de imagem e os mecanismos pré-operatórios e operatórios do pensamento (FERREIRA, 1998, p. 57).

4 FASES DO GRAFISMO X FASES DO DESENVOLVIMENTO COGNITIVO

Apesar de muitos autores pesquisarem acerca do desenvolvimento cognitivo e do grafismo, nenhum consegue precisar quando termina ou se inicia uma fase. O fato é que todo desenvolvimento se dá de forma progressiva e linear mediante os recursos internos (biológicos) e externos (meio social/ ambiente) apropriados. Explica Fonseca (2008, p. 412) apud Luria (1975a, 1975b, 1975c, 1977):

A organização do cérebro [...], resultou da atividade motora do ser humano, precisamente na medida em que também a maturação do sistema nervoso da criança se forma pela atividade desta em uma crescente maturidade de interação com o seu meio ambiente (físico, objetual e socio-histórico).

Durante a produção do desenho a criança canta, fala, grita, balança, silencia, conta histórias, brinca, ri e conversa sobre mil e uma coisa. Toda essa comunicação também se tornará objeto de análise criando um campo de elementos que fundamentam os processos psicológicos superiores vigentes e seu estágio gráfico. Esse desenvolvimento se torna cada vez mais notório conforme a criança vai ampliando seu senso perceptivo em

relação a si mesma e ao meio, assim, quanto mais amplo o campo perceptivo for, maiores impressões gráficas haverão. Derdyk (2003) fala que:

É muito natural para a criança de 18 meses, ao desenhar se expandir para fora dos limites do papel. Aos poucos a criança vai percebendo as bordas, as pontas, a existência do campo do papel. Esse processo coincide, de certa forma, com a sua própria socialização. A criança passa a diferenciar o que existe fora e o que existe dentro do papel e, similarmente, percebe o eu e o outro, o que é 'meu' e o que é do 'outro' (DERDYK, 2003, p. 23).

Fazendo um paralelo entre as fases do grafismo e as fases do desenvolvimento cognitivo, tem-se uma maior compreensão da importância do desenho no desenvolvimento do indivíduo.

A fase das Garatujas integra as fases sensório motora (0 a 2 anos) — onde há o desenvolvimento de reflexos, organização das percepções e hábitos, e da inteligência senso-motora, e o início da Pré-operacional (2 a 7 anos) — é o começo da socialização com manifestações egocêntricas, interiorização da palavra tendo como base a linguagem interior e o sistema de signos e a descoberta da identidade, progressivamente denomina-se: Garatuja Desordenada e Garatuja Ordenada.

Nas Garatujas, segundo Derdyk (2003, p. 52), "[...] estão latentes segredos existenciais, confidências emotivas, necessidade de comunicação." Onde os sentidos, a percepção e os pensamentos interagem de forma entrelaçadas num movimento criador e de profundo entusiasmo. Sendo guiados intrinsecamente pela rapidez, brevidade das linhas, traçados longitudinais e circulares, bem como, pela flexibilidade e rapidez mental. A figura humana é inexistente podendo aparecer de forma simbólica. Ainda não há uma simbologia em relação a cor.

A fase Pré-esquemática integra a fase Pré-operacional de fato (2 a 7 anos) — edifica-se uma organização mental e maior controle motor com aparecimento de sóis, aranhas, homem-girino. Compreensão da relação desenho, pensamento e realidade. O tamanho do objeto é proporcional ao seu juízo de valor. Elementos desconexos a figura humana evolui em complexidade aparecendo braços, mãos, pés, às vezes, alguns dedos e o corpo.

A fase Esquemática integra o início da fase de Operações Concretas (7 a 12 anos) — Nesta fase, com o advento da escolarização a criança adquire uma coordenação mais precisa, novas organizações mentais, começa a pensar antes de agir mostrando susceptibilidade ao início da reflexão, declínio do egocentrismo mediante uma visão mais empática do outro, a cor é usada simbolicamente. A realidade é projetada como entende e não como vê. O espaço começa a ser organizado com a localização entre o chão e o céu e planos sobrepostos. E assim, diz Derdyk (2003, p. 79) “[...] o espaço gráfico infantil vai se configurando e sendo construído de acordo com uma percepção topológica do mundo.” E elucida (apud Francastel 1975) ‘A percepção topológica do mundo baseia-se numa distinção de mudanças de estados e qualidades’.

A fase Realismo integra a fase de Operações Concretas de fato (7 a 12 anos) — há uma progressão na conduta e na socialização. Uma consciência maior do sexo e uma abertura à autocritica. Diante disso, explica Piaget (1999, p. 40) “[...]observa-se o aparecimento de formas de organizações novas, que completam as construções esboçadas no decorrer do período precedente, assegurando-lhes um equilíbrio mais estável [...] de novas construções.” A figura humana é representada de forma completa com a adição de peça de vestuário. No espaço, um maior aprofundamento no plano e na sobreposição. Conexões de diferentes episódios são contextualizadas no mesmo desenho de forma harmônica.

A fase Pseudo Naturalismo integra a fase de Operações Abstratas (de 12 anos em diante) — nesta fase há o aparecimento do campo mental para a construção de sistemas e teorias abstratas, uma inquietação sobre situações futuras devido ao seu desligamento com o campo real, ocasionando uma livre atividade da reflexão espontânea e há também um período curto de egocentrismo intelectual. Os desenhos são representados com realismo, objetividade, profundidade, espaço subjetivo e um uso consciente da cor. Na figura humana existe um forte destaque dos órgãos sexuais e presença das articulações com proporções. Para Piaget (1999, p.57,58) estas ‘são, portanto, estruturas gerais destas formas finais de pensamento e vida afetiva [...] Na verdade, um equilíbrio superior ao que existia na segunda infância.’

5 O AUXÍLIO DAS TÉCNICAS PROJETIVAS E OUTROS TESTES NA ANÁLISE DIAGNÓSTICA

As técnicas projetivas buscam analisar e inferir o primeiro sistema de hipóteses. Dentro da visão epistemológica convergente de Visca (2008), elas tendem a emergir do inconsciente, sem medos e / ou repressões, marcas das experiências dos sujeitos delineadas em seu emocional e a relação deste com o quê, onde, quem e como se vincula. Constituindo uma realidade subjetiva, ou seja, a realidade que sente e entende e não a que vê. Explica Visca (2008, p.15)

As técnicas projetivas [...] permitem investigar essa dimensão, no que se refere ao vínculo ou vínculos que um sujeito estabelece com a aprendizagem propriamente dita, assim como também com as circunstâncias dentre as quais se opera essa construção.

É importante adaptar as provas projetivas ao tipo de investigação que se deseja fazer e ao perfil do sujeito, por isso a necessidade de um exaustivo conhecimento acerca do seu histórico, observação do seu comportamento e fala antes, durante e depois da produção do desenho. Correlacionando os detalhes deste, o título e o história do mesmo. Sua aplicação se dá individual ou coletivamente através de uma dinâmica que utiliza não mais do que lápis, papel, borracha e régua e avalia aspectos de eficiência e personalidade.

Há três esferas de investigação de vínculo, nos quais pode-se observar três níveis de consciência – consciente, pré-consciente e inconsciente. O vínculo no Âmbito Escolar: Par Educativo (6/7 anos), Eu com meus colegas (7/8 anos) e Planta da sala de aula (8/9 anos); o vínculo no Âmbito Familiar: A planta da minha casa (8/9 anos), Família educativa (6/7 anos) e As quatro partes de um dia (6/7 anos); e o vínculo Consigo Mesmo: O desenho em episódios (4 anos), O dia do meu aniversário (-), Em minhas férias (6/7 anos) e Fazendo o que mais gosto (6/7 anos). Visca (2008) esclarece o

[...] nível inconsciente, no qual um conjunto

de conteúdos não é reconhecido, [...] um nível pré-consciente, cujos conteúdos e mecanismos, [...] escapam ao campo de consciência e podem ter acesso ao mesmo. E um nível consciente no qual os conteúdos e mecanismos, as percepções internas e externas são conhecidas e representáveis em pensamentos, palavras e desenhos, etc (VISCA, 2008, p. 21).

Vale a pena ressaltar que como critério de análise para as interpretações que giram em torno do trio: objeto, ensinante e aprendente, Visca (2008) recomenda que esta se faça dentro de um contexto global e não isoladamente. Sendo importante observar aspectos do desenho como:

As posições na folha:

1. Superior — Exigente
2. Inferior — Impulsivo
3. Direita — Progressivo
4. Esquerda — Regressivo
5. Superior direita — Exigente progressivo
6. Superior esquerda — Exigente regressivo
7. Inferior direita — Impulsivo progressivo
8. Inferior esquerda — Impulsivo regressivo
9. Central — Equilibrado (VISCA, 2008, p. 23)

O tamanho total do desenho – relevância da aprendizagem, desenhos pequenos ou exageradamente grandes: vínculo negativo, dimensões razoáveis: relação equilibrada, positiva.

- O tamanho dos personagens – desenho pequeno do ensinante/aprendiz: desvalorização, no aprendiz negação de suas dificuldades, alterações na aprendizagem; grande: supervalorização, no docente pode ter sentido persecutório.
- O tamanho dos objetos – exageradamente grande: pode servir de tela divisória de dois aspectos, quem ensina/aprende, aprendente/conteúdo; exageradamente pequeno: pode servir de tela de depósito de projeções negativas deslocadas.
- Posição e distância dos personagens – ausência de um; um em frente ao outro; não se olham; em âmbitos totalmente diferentes, o aprendente está dormindo, abrem uma gama de possibilidades.

- Posição dos objetos – indica o tipo de estrutura vincular estabelecida pelo sujeito com a aprendizagem podendo ser: confusional, hipocondríaca, esquizoide, paranoide, histérica, fóbica e contrafóbica, evitativa, ritualista, obsessiva ou depressiva.
- Distância de ambos os personagens na representação do objeto de aprendizagem – considere a distância de cada personagem em si ou ambos em relação ao objeto; grande distância: não comprometimento com o conteúdo e o ato de transmissão do conhecimento; mínima distância: supervalorização do conhecimento no ato de transmissão; distância adequada/equidistante: utiliza os conteúdos como instrumentos para ensinar a aprender, hierarquiza o ato de ensinar.
- Caráter completivo dos desenhos – pode revelar uma relação ‘superficial’ ou ‘impedida’, oferecendo uma compreensão da dinâmica emocional do sujeito investigado com as relações distintas. Nomes e idades assinalados – correspondência com o entrevistado e o entrevistador.
- Título do desenho (correspondência com a situação desenhada) – resumo das características de aprendizagem ou negação, a concordância ou discordância entre título/relato pode indicar mecanismos de dissociação, negação e repressão
- Relato (correspondência entre o relato, desenho e o título) – a correspondência entre os três facilita a interpretação de sentimentos, atitudes e movimentos que nem sempre são fáceis de representar graficamente. (VISCA, 2008, p. 40,41)

Há uma gama de testes projetivos na literatura que os psicopedagogos podem utilizar no auxílio das análises diagnósticas, desenvolvidos por grandes teóricos como: O teste HTP – House-Tree-Person, desenvolvido por Jonh N. Buck (1948), que objetiva extrair do desenho da casa – representa a maturidade psicosssexual do sujeito, da árvore – o subconsciente e da pessoa – a personalidade na relação interpessoal, a projeção de elementos da personalidade e de áreas de conflitos, a nível intelectual e emocional por meio de uma avaliação quantitativa e qualitativa (Van Kolck, 1981).

O teste Goodenough, criado em 1926 por Florence Goodenough, busca avaliar o desenvolvimento intelectual entre crianças normais, bem-dotadas e deficientes através do desenho da figura humana,

sendo posteriormente, amplamente difundido por vários estudiosos. Em 1963, o Dr. Dale B. Harris propôs uma revisão adicionando a este a figura da mulher e o desenho de si mesmo, padronizando a escala do homem e da mulher, estendendo a utilização para até 15 anos e redimensionando os resultados para QI de desvio, com media de 100 e desvio padrão de 15. Tornando-se Goodenough-Harris com grande conceito dentre os psicólogos e seus estudos (ROSA; ALVES, 2008).

6 ESTUDO DE CASO

O aprendente que aqui chamamos de A. G. M., de 8 anos e 6 meses, foi encaminhado para avaliação psicopedagógica por Maria Conceição, coordenadora do âmbito escolar do Centro de Ensino e Saúde Ninota Garcia. A queixa era a de que o sujeito em questão se encontrava com dificuldades de aprendizagem, leitura e esquecimento, não conseguindo guardar o conhecimento obtido na memória de longo prazo.

A avaliação ocorreu no período de 10/10/2018 a 09/11/2018, com dois encontros semanais de 60 minutos de duração cada, totalizando 10 sessões de análise diagnóstica. Tendo essa situação uma boa aceitação e colaboração por parte dos familiares.

Durante a anamnese, a genitora relatou que teve um aborto espontâneo, conseguindo engravidar em seguida do A. G. M. Gravidez delicada com risco de aborto, passou três meses em repouso. A.G.M, mamou até sete meses, com três meses passou a tomar mamadeira e a comer sólidos depois dos seis.

Comeu sozinho aos dois anos. Vestiu-se sozinho aos quatro anos e amarrou os sapatos aos seis. Com um sono leve, dorme bem à noite, mas demora a pegar no sono. Divide o quarto com a irmã de três anos, e dorme oito horas por dia. Sempre foi muito agitado.

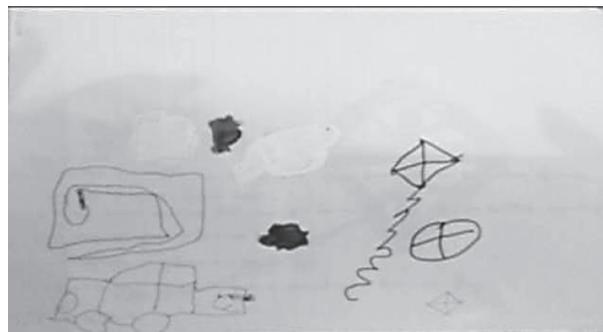
Até hoje só fez exames laboratoriais. Aos cinco anos apresentou uma crise de asma. É amoroso e também birrento, gosta de comandar as brincadeiras. Desenvolveu-se muito rápido. Não tem uma boa relação com os colegas na escola porque bate neles. Do 1º ano para cá tornou-se mais calmo, não rasga mais os cadernos, dá menos trabalho na es-

cola, seu rendimento atual é regular. Sente muita dificuldade para ler e lembrar o que aprendeu.

No decorrer do atendimento psicopedagógico utilizei alguns instrumentos para norteamento a construção das primeiras hipóteses diagnósticas como: **TCLE**- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido; **Anamnese**; **EOCA**- Entrevista Operativa Centrada na Aprendizagem; **Devolutiva. Provas Operatórias de Piaget**: Conservação de Quantificação de Inclusão de Classe; Conservação de Matéria (massa); Conservação de Pequenos Conjuntos Discretos de Elementos; **Prova Projetiva**: Eu com os Meus Companheiros; Família Educativa; O Desenho em Episódios; A Planta da Sala de Aula; **Teste Pedagógico / Área Funcional**: TDE- Teste de Desempenho Escolar; Avaliação da coordenação Viso-Motora; Lateralidade; Orientação Temporal; Sequência Lógica; Avaliação da Consciência Fonológica; **Jogos**: Quebra-Cabeça; Dama; Memória; Pega Varetas; Dados.

Amostras dos desenhos de A.G.M:

FIGURA 10 - A.G.M. 8 anos 6 meses

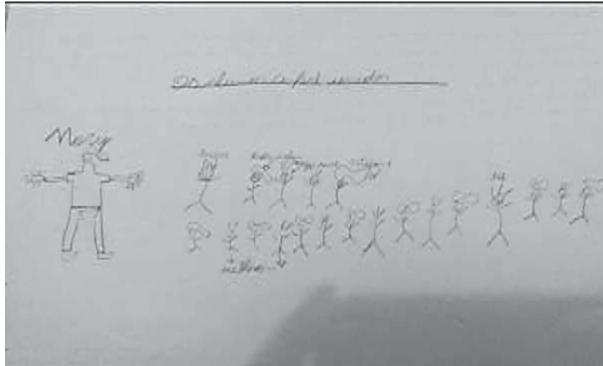


Fonte: A Autora (2018).

Durante a aplicação da EOCA, A.G.M., produziu um desenho livre. Pegou a folha na horizontal e começou a desenhar da esquerda para a direita, mostrando-se pouco tempo depois entediado e finalizando a ação. Durante a ação, não parava de falar:

— '*Desenhei uma pipa, uma bola, um carro são os brinquedos que mais gosto.*'; '*Desenhei um quadrado depois eu pintei ele.*'; '*Você escreve tudo o que eu faço, né?*'; '*Eu não sabia que ia fazer isso... eu pensava que era só pra fazer pergunta e falar.*'; '*Ahh! Não, quebra-cabeça não!*'; '*Quando eu chegar em casa vou falar para o meu pai que aprendi muitas coisas hoje.*'

FIGURA 11 - A.G.M. 8 anos 6 meses

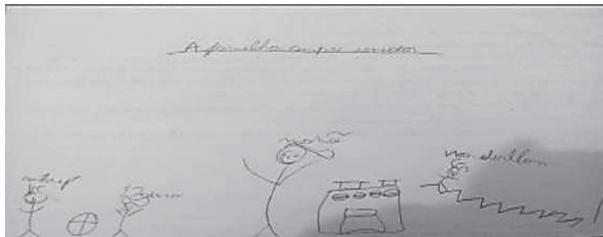


Fonte: A autora (2018).

Durante a aplicação da Prova Projetiva: Eu com meus amigos, pedi para ele se desenhar com os colegas dele. Com a folha na horizontal começou a desenhar da esquerda para a direita, mostrando-se distraído, entediado, mas sempre conversando sobre todos os assuntos possíveis. Ao final intitulou de: 'os alunos cenpri unidos.'

Fala de A.G.M.: — 'Desenhei eu e meu amigos na quadra ouvindo a professora para cantar o hino.'; 'Às vezes, brinco com Lucas, mas daqui a pouco ele não deixa ninguém brincar e só quer brincar sozinho.'; 'Já fiz vinte. São 35, tem que desenhar todos?'; 'A tia bota no quadro: pule 2 linhas, 3 linhas... e Lucas faz do jeito que ele quer só pra ir pro recreio brincar de bola. Ele devia era sair do colégio.'

FIGURA 12 - A.G.M. 8 anos 6 meses

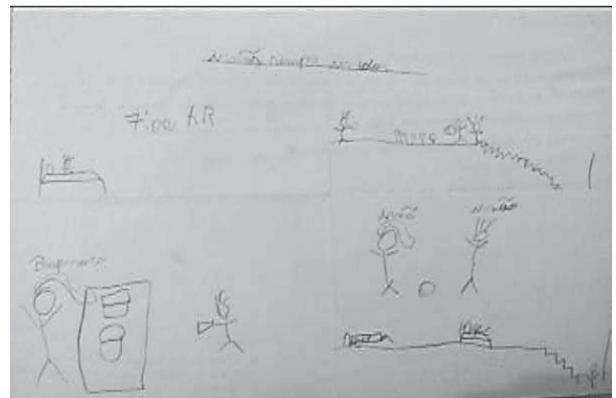


Fonte: A autora (2018).

Durante a aplicação da Prova Projetiva: Família Educativa, pedi que desenhasse a família dele fazendo o que cada um gosta e sabe fazer. Ele entronchou o rosto e começou a desenhar da esquerda para a direita. Conversou bastante, parando várias vezes a atividade e voltando a ação após o meu comando. Deu o título de: 'A família cenpri unida.'

Fala de A.G.M.: — 'Você pensava que eu não vinha não?'; 'Desenhei eu e minha irmã, Laura, brincando de bola'; 'Minha mãe é a sargentona da casa. Ela gosta de cozinhar. Ela cozinha rápido! Eu gosto da comida dela! Um dia ela fez um caldeirão, desse tamanho, só de cachorro-quente.'; 'A comida do meu pai é a mesma coisa. Meu pai gosta de sair. Ele fica na rua todo o dia. Hoje, ele foi trabalhar no shopping. Ele limpa. Ele é servente.'; 'não sabia que conseguia fazer escada. Aqui é meu pai e aqui é o portão. Ele tá saindo.'; 'Hoje, eu me acordei 5hs da manhã.'; o que eu vou fazer sexta? (ainda era quarta-feira) eu queria que tivesse aquele monte de coisas como naquele outro dia.' (referiu-se ao dia da EOCA)

FIGURA 13 - A.G.M. 8 anos 6 meses



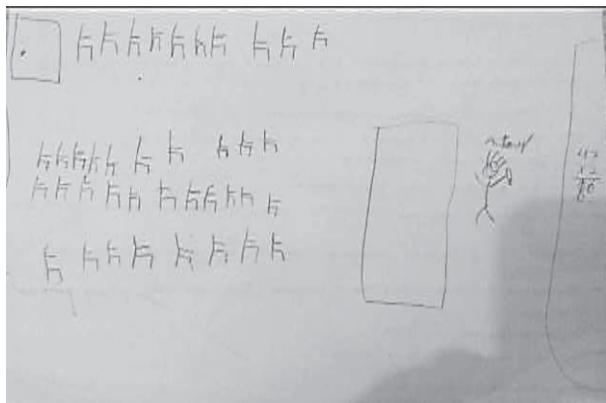
Fonte: A autora (2018)

No processo de aplicação da Prova Projetiva: O desenho em episódios, pedi que desenhasse um menino realizando atividades em quatro partes do dia. Ele reclamou, reclamou, mas desenhou sempre da esquerda para a direita, mediante muito incentivo e motivação minha. Mostrava-se entediado, corpo curvado, sustentado pelo braço esquerdo com conversas aleatórias como se quisesse fugir daquela atividade. Nomeou o desenho de: 'irmãos sempre unidos.'

Fala de A.G.M.: — 'O menino acorda às 7 horas da manhã.'; 'O menino brinca de boliche com a irmã e depois vai para escola. Entrega a prova de matemática para a professora. Vai para casa e estuda para a prova no outro dia. Brinca de bola com a irmã e depois vai dormir.'; 'Eu gosto de história e sociedade e cultura.'; 'Eu estudo sozinho.'; 'Eu

vou sair da escola porque eu tirei nota baixa no primeiro semestre."

FIGURA 14 - A.G.M. 8 anos 6 meses



Fonte: A autora (2018).

Durante a aplicação da Prova Projetiva: A planta da sala de aula, pedi que desenhasse a planta da sala de aula dele. Expliquei o que era uma planta de sala de aula. Ele não gostou, não gostava de desenhar, mas mesmo com cara feia fez sempre começando da esquerda para direita. Dessa vez não colocou nenhum título.

Fala de A.G.M.: — *'É bem assim a casa da minha vó: a sala é aqui, a cozinha é aqui e o quintal fica aqui. O quintal dela é gigante!'; 'Esse daqui é o quadro. Só vou desenhar 20 cadeiras, tá?'; 'aqui sou eu, né, no quadro. Vou fazer uma conta de vezes.'* (x multiplicar); *'Ôhh, tia, sabe fazer malabarismo? Eu sei!'; 'Aqui fica o vidro da janela e aqui fica a porta.'; 'Vou desenhar as cadeiras, umas 10. Elas ficam aqui. É assim a cadeira da menina.'; 'O carro da minha vó nem quer ligar. Pra sair é uma briga, a gente tem que empurrar.'; 'Eu sou o primeiro a ir para o quadro. Eu escrevendo e todo mundo falando.'; 'Falta quantas, hein? Uma!'; 'Aqui é o birô. Pronto terminei!'*

Em relação a avaliação do aspecto afetivo, possui um vínculo escolar superficial com os colegas, uma ligação maior com a professora e um certo desinteresse em atividades que demandem esforço mental. Quanto ao vínculo familiar: tem bom relacionamento com os pais e a irmã, é amoroso, entretanto, necessita de maior atenção familiar no seu desenvolvimento tanto escolar quanto global. E acerca do vínculo consigo mesmo: é comunicativo,

observador e curioso, também inseguro, ansioso, apresentando autoestima e autoconfiança baixa.

De acordo com o aspecto cognitivo, o aprendiz encontra-se em transição do pré-operatório intuitivo articulado para o operatório concreto. Seu nível de escrita é o alfabético e sua modalidade de aprendizagem é hiperassimilativa. Lê fluentemente e pausando nas palavras mais complexas. Apresenta um vínculo negativo com a aprendizagem sistemática. Apresenta lentidão de raciocínio, dificuldade com elaboração mental, e um desenvolvimento compatível com a sua idade, mas não com a escolaridade.

Quanto ao aspecto pedagógico, apresenta dificuldades em termos semânticos, fonológicos e no acesso a memória lexical de longo prazo mediante palavras aleatórias. Faz algumas trocas como: m/n-n/m, j/g-g/j, o L pelo o/u em palavras terminadas em L. Confunde o som do x com ch e não pronuncia o R no final da palavra. Dificuldade em processar cálculos mentais com mais de uma unidade, com reservas e em raciocínio lógico.

Precisa melhorar a coordenação motora fina. Em relação a coordenação viso-motora, lateralidade, esquema corporal e orientação temporal apresenta um bom desenvolvimento, o que não impede de serem reforçados. Acerca da orientação espacial apresenta uma percepção global bastante satisfatória, porém há a necessidade de aperfeiçoamento nos detalhes. Apresenta falta de atenção na realização das atividades. Consegue montar uma sequência lógica de histórias curtas, não longas.

Apesar das dificuldades apresentadas por A. G. M., para que seja possível levantar uma hipótese nesse caso, é imprescindível fazer alguns procedimentos como exames de audição e oftalmológicos na intenção de descartar alguma problemática a esse nível, e realizar uma nova análise diagnóstica psicopedagógica cujo o resultado delineará melhor a linha de investigação a seguir, buscando assim, desenvolver um tratamento adequado para sanar as necessidades de aprendizagem da criança.

É relevante ressaltar que todas as avaliações fazem parte de um processo que levará ao fornecimento de ferramentas para melhorar o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem, assim como, a aquisição do conhecimento.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho possibilitou o contato com uma breve explanação acerca do conceito de desenho, perfazendo uma efêmera viagem pela história do mesmo, o que proporcionou uma ampliação do entendimento e relevância que constituiu o ato de desenhar para o desenvolvimento da humanidade. Propiciando o registro da evolução e crescimento de um povo, seus costumes, transformação intelectual, moral, espiritual e emocional.

Foi também pauta onde se pôde falar do desenho-história como instrumento psicoterapêutico de emersão do inconsciente para a investigação e interpretação na avaliação psicopedagógica. Percebendo o indivíduo em toda a sua complexidade através das representações gráficas / relatos possíveis mecanismos de defesa tais como: projeção, negação, dissociação, repressão e crenças tornando-se viável, a partir daí uma melhor compreensão de seus comportamentos e prováveis problemas de aprendizagem. O que, conseqüentemente, ajuda no levantamento de uma maior constituição de hipóteses diagnósticas para fins de definição da linha de investigação a seguir e, assim reunir ferramentas para trabalhar no saneamento das disfunções de ensino-aprendizagem e aquisição do conhecimento.

Ao longo de todo o texto é notório o respaldo abundante das ideias de grandes teóricos como Abram (2000), Jung (2008), Ferreira (1998), Derdyk (2003), Fonseca (2008) entre outros, que só tendem a agregar, elucidar, edificar e fomentar, cada vez mais, a importância do estudo e da disseminação do assunto em questão. Trazendo, a exemplo de Winnicott citado por Abram (2000), um conhecimento prático, riquíssimo, no qual observava e avaliava a situação usada pela criança por meio do desenho e das reações imediatas frente ao inesperado.

O entrelaçamento do desenvolvimento cognitivo com o desenvolvimento do grafismo. Expandindo na criança a percepção do mundo mental, físico e emocional viabilizado pela constituição adequada de seus recursos internos (biológicos) e externos (social/meio ambiente). E observando, através de Piaget (1999) a estruturação das etapas gráficas e cognitivas diferindo cada uma delas em: garatujas;

pré-esquemática; esquemática; realismo e Pseudo naturalismo, convergindo-as respectivamente com os períodos sensorio motor; pré-operacional, operações concretas e operações abstratas.

A comunicação verbal, corporal e comportamental executadas durante a produção do desenho e toda a representatividade simbólica impressa em todo o processo tornam-se fatores fundamentais para a análise psicopedagógica e para a construção das primeiras hipóteses diagnósticas, ampliando a capitalização de elementos na fundamentação do desenvolvimento de novos processos psicológicos superiores.

Sem, contudo, esquecer das recomendações enfáticas de Visca (2008) em relação a determinados aspectos do desenho para a interpretação, como exemplo: as posições na folha; o tamanho total do desenho; o tamanho dos personagens; o tamanho dos objetos; a posição e distância dos personagens; a posição dos objetos; a distância de ambos os personagens na representação dos objetos de aprendizagem; o caráter completivo do desenho; nomes e idades assinalados; o título e relatos. E o conhecimento de outros testes projetivos interpretativos para auxílio desse grande pleito psicopedagógico.

Fechando a pesquisa com um estudo de caso o qual foi compartilhada uma vivência psicopedagógica, mostrando o desempenho do aprendente / ensinante nesse processo tão delicado de bifurcação de almas envolvidas para edificação da confiança e entrega na dinâmica da avaliação diagnóstica.

REFERÊNCIAS

- ABRAM, J. **A Linguagem de Winnicott**. Rio de Janeiro: Revinter, 2000.
- BUCK, J. N. The H-T-P Technique: a qualitative and quantitative scoring manual. **J. Clin. Psych., Monogr. Supplement**, 1948, 5, 1-120.
- DÉRDYK, E. **Formas de Pensar o Desenho: desenvolvimento do grafismo infantil**. 3ª ed. SP: Scipione, 2003.
- FERREIRA, S. **Imaginação e Linguagem no Desenho da Criança**. Campinas, SP: Papyrus, 1998.

FONSECA, V. **Desenvolvimento Psicomotor e Aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 2008

JUNG, C. G. **O Eu e o Inconsciente**: 21^a ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

LOWENFELD, V. **A criança e sua Arte**. São Paulo: Mestre Jou, 1976.

LUQUET, Georges-Henri. **O Desenho Infantil**. Barcelona: Porto Civilização, 1969.

MÈREDIEU, Florence de. **O Desenho Infantil**. São Paulo: Cultrix, 2006.

PIAGET, J. **A Equilibração das Estruturas Cognitivas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

PIAGET, J. **Seis Estudos de Psicologia**. 24^a ed. revista. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999.

PIVETTA, M. Pré-história ilustrada. **Pesquisa FAPESP**, edição 105, 2004. Disponível em <<http://revistapesquisa.fapesp.br/2004/11/01/pre-historia-ilustrada/>> Acessado em 03 fev. 19.

ROSA, H. R.; ALVES, I. C. B. Precisão do Teste Goodenough-Harris em crianças. **Avaliação Psicológica**, v. 7, n. 2, Porto Alegre ago. 2008. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712008000200008> Acessado em 13 mar. 19.

VAN KOLCK, O. L. **Técnicas de Exames Psicológicos e Suas Aplicações no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1981.

VISCA, J. **Técnicas Projetivas Psicopedagógicas e Pautas Gráficas para a sua Interpretação**. 4^a ed. Buenos Ayres: Visca & Visca, 2008.

Recebido em: 19 de Junho de 2019

Avaliado em: 25 de Junho de 2019

Aceito em: 25 de Junho de 2019
